

(GDF quer melhorar atendimento médico

12 MAR 1986

CORREIO BRAZILIENSE

O governador José Aparecido, preocupado com o desgasto da prática médica em Brasília, instala hoje, às 15h, em seu gabinete, na presença dos ministros Raphael de Almeida Magalhães (Previdência) Roberto Santos (Saúde), e Jorge Bornhausen (Educação), um Grupo de Trabalho com prazo de 30 dias para propor as bases de um projeto de reformulação total da política de saúde do Distrito Federal.

A idéia é partir para uma experiência piloto de municipalização e integração de todos os recursos médico-hospitalares pertencentes aos Ministérios da Previdência Social (Inamps) e Saúde, (Forças Armadas), Governos estaduais e municipais, sob um comando único, para otimização dos recursos humanos e materiais disponíveis. O Grupo parte da constatação de que no caso de Brasília, enquanto alguns hospitais estão sobrecarregados, outros estão ociosos o que acabaria com a administração única.

O ministro Raphael de Almeida Magalhães, a partir de um trabalho que lhe encaminhou o governador José Aparecido, definiu um projeto de reformulação do setor saúde, com comando unificado, criando unidades orçamentárias em cada uma das instalações hospitalares do DF. Esse comando dará incentivo ao médico "Generalista" abandonando aos poucos a ênfase na especialização médica excessiva. O projeto será estudado e aprofundado pelo grupo, para implantação em Brasília, como uma experiência piloto.

Anteontem o secretário de Saúde, Alberto Barbosa, comandou uma reunião de um trabalho precursor que definiu a pauta de discussões do Grupo a ser instalado hoje. Participaram da reunião, além de Alberto Barbosa, João da Cruz Carvalho, diretor-executivo da Fundação Hospitalar; José Saraiva Felipe, secretário de serviços Médicos do Ministério da Previdência; Geraldo Guimarães, superintendente do Inamps no DF; José Alberto Hermógenes Souza, secretário-geral do Ministério da Saúde; Laércio Valença, do Hospital das Forças Armadas; Fernando Batinga, responsável pela implantação de terapias não-alopáticas na rede do Inamps; Fraz Rulli Costa, coordenador do Corcentro do Ministério da Saúde; e o jornalista Oswaldo Peralva.

CRITICAS

Na reunião houve críticas unânimes à atual situação do sistema de saúde do DF. Saraiva, que participará do Grupo de Trabalho, falou da má distribuição crônica dos recursos com ociosidade nos centros de saúde do Plano Piloto e sobrecarga nos das cidades-satélites e da falta de integração dos serviços. O Hospital Presidente Médici, por exemplo, que é do

Inamps, não se integra com a Universidade de Brasília. Lembrou que enquanto no Hospital de Base não existe um tomógrafo, a alguns metros dali, no Sarah Kubitschek, há um tomógrafo com tempo ocioso. No entanto, quando algum paciente do Hospital de Base necessita de uma tomografia, o GDF tem de recorrer à rede hospitalar privada, mais distante fisicamente e gastando recursos públicos, enquanto o tomógrafo do Sarah, subutilizado, também não se paga como investimento.

Saraiva acha que se deve, através de uma integração maior, partir para a realização do "tempo geográfico integral", ou seja, um médico que trabalha no Hospital de Base e em outra instituição do Governo deve ser requisitado por uma delas para prestar serviço em tempo integral num só hospital. José Alberto Hermógenes e Laércio Valença, aproveitando a deixa, criticaram na reunião o excesso de especialização e a escassez de médicos "generalistas". Segundo eles, a propaganda e os interesses dos fabricantes de equipamentos fazem com que se use, por exemplo, raios-X desnecessariamente. "Em muitos casos um exame clínico seria suficiente", afirmou Hermógenes. — Em lugar de pronto-atendimento usa-se em geral o pronto-socorro — disse Hermógenes Souza. Enfatizou que há pontos de estrangulamento no sistema de saúde do DF, como no Hospital de Base, enquanto há ociosidade em outros.

RECURSOS

Para Laércio Valença, o sistema de saúde do DF funciona mal, embora tenha recursos satisfatórios. Segundo ele, o ex-secretário de Saúde, Jofran Frejat, desenvolveu um plano oneroso de implantação de centros de saúde "investindo em instalações, mas esquecendo dos recursos humanos". Para Valença "enfrentamos uma crise de organização, de funciona-

mento. Se foi possível ao Governo federal partir para um plano revolucionário na economia, também no setor de saúde do DF isso é viável.

Um dos caminhos, segundo Saraiva, é estabelecer a fiscalização sobre o funcionamento dos hospitais dentro do espírito do plano econômico do Governo Sarney. Aliás, no esboço que o governador José Aparecido enviou ao ministro da Previdência está prevista a criação de conselhos comunitários para fiscalizar a aplicação do novo plano de saúde, envolvendo recursos do GDF, Inamps e Ministério da Saúde (o Sarah Kubitschek, que é da Fundação das Pioneiras Sociais), além de Hospital das Forças Armadas, sob um comando único e com autonomia. Na verdade, a idéia é que as regiões administrativas, dentro da idéia de descentralizar o sistema, cuidariam da gestão dos hospitais e centros de saúde de sua área.

O grupo que se instala hoje terá 30 dias de prazo para apresentar um plano que será implantado imediatamente. Além dos participantes da reunião, devem fazer parte do Grupo o médico Aloisio Sotero, representando o Ministério da Educação; o deputado Carlos Mosconi, ex-secretário de Saúde e ex-presidente da Comissão de Saúde da Câmara, convidado para coordenar o Grupo pelo governador José Aparecido; e o médico Inácio Republicano de Oliveira, representando o Instituto de Tecnologia Alternativa do DF, a ser criado pelo governador nos próximos dias. Esse novo órgão vai pesquisar terapias não-alopáticas, e disseminá-las, dentre outras atividades. Também deve participar do Grupo, como representante da UnB, o diretor da Faculdade de Medicina, Eduardo Flávio Queiroz. O presidente do Grupo, provavelmente, será o médico Laércio Valença, do HFA, escolhido pela unanimidade dos membros presentes à reunião de anteontem.

José Aparecido lembra que há duas experiências restritas de municipalização do serviço médico no País, ambas vitoriosas, embora ainda em seu início: em Pernambuco (em mais ou menos 27 municípios) e no Paraná (em cerca de 12 cidades). Brasília, por ser a capital do País, foi escolhida pelo Inamps para testar uma ampliação dessas experiências, já aí envolvendo hospitais do Inamps (inclusive conveniados), do Ministério da Saúde e até mesmo das Forças Armadas.

— De uma coisa estou convencido: Brasília tem condições objetivas, materiais e humanas para levar essa experiência adiante, resgatando a imagem da medicina da capital do País, hoje desgastada por seguidas administrações malconduzidas. E isso será feito no prazo mais curto possível — afirmou o governador.



Alberto Barbosa